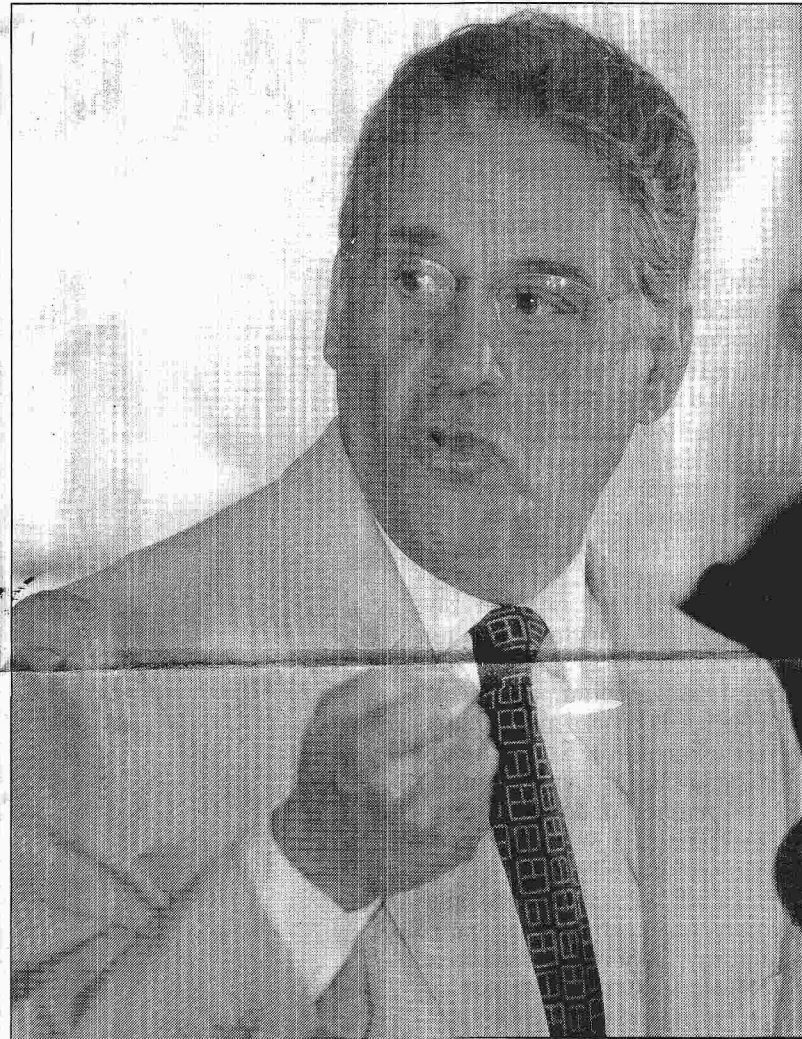


# PRINCIPAIS PONTOS DA ENTREVISTA COLETIVA

Wanderlei Pozzembom



Fernando Henrique prestigiou Malan e Franco: "Tenho confiança neles"

externa. Por que eu vou mexer no ministro Malan e no Gustavo Franco? Agora nesta época, vocês sabem, começa a haver fofoca pra lá, fofoca pra cá. Mas eu sou e fui sempre claro nesta matéria: eles são parte constitutiva da equipe econômica que está fazendo as modificações no Brasil. Estou aqui reafirmando qual o caminho, acabei de dizer quais são os rumos e quaisquer idéias mágicas não vão ter acolhida comigo. O caminho está traçado e a coisa é muito clara, muito direta. Eles estão em Washington negociando com o FMI. Não sou de puxar o tapete de ministro que esteja no exterior trabalhando pelo Brasil. Comigo não, violão!"

## ■ JUROS

"As decisões sobre taxas de juros são técnicas, e não políticas. E não têm por objetivo ajudar ou atrapalhar a eleição de A, de B ou de C. Elas têm que ser feitas em função do interesse nacional. A ampliação da taxa de juros não aumenta automaticamente o juro interno. Pode aumentar aqui e ali, por outras razões. Todas as taxas de juros que dependem do governo estão caindo. Outra coisa é o juro do consumidor final, o cliente das lojas. Aí não é o governo quem fixa. Isso depende do mercado... O governo age como pode. Quando o governo toma medidas com sinceridade e seriedade, a população entende".

## ■ DIVERGÊNCIAS

"O ministro Mendonça de Barros está repetindo o ministro Malan, que disse a mesma coisa recentemente. Os dois defendem a necessidade de se intensificar a capitalização doméstica, para que tenhamos mais liberdade frente à necessidade de recursos externos por causa da situação internacional. Não há divergência. Tem gente que vê contradição em tudo".

## ■ MALAN E FRANCO

"Eu tenho confiança neles. Eles são competentes, estão levando adiante as transformações necessárias. Eles tem credibilidade interna e

tômetro e tem muita gente que vive de dar palpites. O presidente não vive de dar palpites. Tem metas. E quem não tem meta não faz nada. O país tem que estar preparado para buscar manter as metas e fazer força para tentar superar".

## ■ OPOSIÇÃO

"Perdeu o rumo. No início ficou tonta e continua sem saber por onde nos pegar. Na hora de pegar pelo social, não dá certo; na falta de crescimento econômico, não dá; que (o governo) não defende o Brasil, não dá. Então imaginaram, quem sabe, o quanto pior, melhor. Aferrada a idéias do passado, ainda defende um projeto de desenvolvimento do país feito por intelectuais e políticos nos anos 50 e 60. O mundo mudou, o Brasil de hoje está se colocando para a entrada no novo milênio. Ou ele se ajusta e define seus interesses, os interesses do seu povo, ou ele fica olhando no retrovisor".

## ■ CIRO X DIÁLOGO

"Primeiro vamos ver quem ganha. Diálogo antes das eleições é com o povo. Agora, pode parecer eleitoreiro. E eu não gosto disso".

## ■ FUTURO DA ECONOMIA

"Os problemas da Rússia nada têm a ver com o Brasil. Não sei o que vai acontecer com a atividade econômica, mas nós temos um rumo. Vamos buscar outros caminhos, já que não tem capital externo, busca-se o interno. Vamos mostrar que o Brasil é local bom para investimentos".

## ■ CRÍTICAS AO CONGRESSO

"A estabilidade econômica depende de decisões institucionais e das reformas que têm de continuar. Não tem sentido reclamar da vul-

propaganda eleitoral, nem no sentido de dizer que será uma catástrofe, e assustar todo mundo, nem no outro sentido, de que não vai acontecer nada. Não podemos ficar absorvendo tudo que é crise. Wall Street fica em São Paulo? Eu acho que não fica. E onde é que a bolsa teve pânico, não foi em Wall Street? Foi a política errada do governo americano que fez (a bolsa cair)? Foi a falta de proteção da economia americana? É preciso entender melhor o sistema econômico para que se possa defender o país. Defender sem entender, dá confusão. Hoje temos defesa, um colchão protetor de reservas cambiais. Imagine se não tivéssemos?"

## ■ GOVERNO X CRISE

"Não estamos preparando um país para responder à crise da bolsa na Rússia. Isso seria eleitoreiro. Estamos apresentando uma proposta para responder às necessidades do país. A mim não me surpreende a turbulência. Antes de eu assumir, já havia a crise do México. Contornamos. Em 1996 acalmou, em 1997 de novo. Este ano, de novo. Temos que ter metas. E temos metas factíveis no nosso programa. Sou otimista. O país tem comando, tem rumo".

## ■ CRESCIMENTO DO PIB

"Não está no programa. A meta é crescer sempre. Tem que se tentar o máximo. Se vai conseguir (cumprir a meta de 4% prevista no orçamento de 1999), não sei, é uma meta e só se sabe isso depois, no ano seguinte. O resto é palpite, é palpi-

## ■ PESQUISA

"Não vamos fazer catástrofe: numa pesquisa de 2 mil casos (pessoas) a margem de erro deve ser de no mínimo 3%, não vamos exagerar", disse. A diferença das intenções de voto para Fernando Henrique em relação à soma dos adversários também recuou — de 14 para oito pontos percentuais —, mas o presidente ainda venceria a eleição em primeiro turno, conforme o Ibope. "Pesquisas são feitas a cada três ou quatro dias", disse Fernando Henrique, acrescentando que existe uma tendência — a favor de sua reeleição — que não pode ser ignorada. Segundo o presidente, os seus percentuais variam entre 40% e 46%. Os de Lula entre 20% e 25% e os de Ciro Gomes, do PPS, entre 5% e 7%. "A tendência é essa, a variação está dentro desta margem, desde que nós acompanhamos está aí", ponderou o presidente. "Pode mudar? Pode, mas a tendência é essa".

## ■ CRISE X BRASIL

"País sério toma decisões diariamente, não precipitadamente nem fica dando um choque a cada momento na sua população. Não se pode viver com essa sensação de beira de abismo. O país tem rumo. Estamos reconstruindo o Estado, que estava enfraquecido e hoje começa a ter capacidade de atuação. Eu não estou escondendo a crise e nem falando nela. Não seria sério. Não vou transformar um problema de um país, do mundo, numa questão eleitoral porque não é sério. Não posso é transformar a crise em